

A canção das sete cores: educando para a paz

The song of seven colors: educating for peace

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A canção das sete cores**: educando para a paz. São Paulo: Contexto, 2005.

Solange Martins Oliveira Magalhães
Universidade Federal do Goiás

236

O livro *A canção das sete cores*, de Carlos Rodrigues Brandão (2005), desafia-nos a assumir a cultura de paz como finalidade educativa. Para o autor, “A paz não é branca e abstrata, é bem concreta e de todas as cores.” (p. 207). A *whipalla* é o símbolo utilizado pelo autor para expressar a amplitude do tema; refere-se à bandeira que conheceu nas ruas de La Paz, na Bolívia, e que representa a luta pelos direitos dos povos indígenas de diversas etnias dos Andes. Whipalla é a bandeira da paz que, diferentemente da tradicional bandeira branca, é composta de sete cores, num jogo, que convoca a imaginação do leitor/a: é uma bandeira quadrada e dividida em 49 caselas, tendo, como resultado, sete linhas verticais cruzando por igual sete linhas horizontais. Suas sete cores: branco, amarelo, laranja, vermelho, lilás, azul e verde ocupam, cada uma, sete caselas. A cor branca ocupa as da diagonal do centro e, assim, divide a bandeira em duas partes iguais. A amarela ocupa uma casela da parte de cima e seis da de baixo; a laranja, duas e cinco, e assim por diante. Experimente desenhar e colorir essa bandeira. Não é difícil e o resultado é belo e sugestivo: sete cores, sete vezes. (p. 11).

Brandão propõe uma metáfora: “o desejo pela paz ganhou agora sete cores” (p. 10), e complexifica essa idéia sugerindo que possamos imaginar as sete cores como cores sonoras que se juntam às notas musicais para entoar uma canção de paz: a canção das sete cores.

Com essa introdução, Brandão problematiza o possível senso comum de seus leitores/as em função de uma tão fixa quanto abstrata representação da paz. Deixa clara sua compreensão de que a paz não se reduz a imagens, palavras ou poemas, mas requer “[...] gestos poéticos e atos políticos que



comecem por transformar pessoas e terminem por participar com elas da transformação de suas vidas, de suas sociedades de vida cotidiana e da história.” (p. 14).

Nos oito artigos da publicação, Brandão fundamenta uma educação comprometida com a cultura da paz. Cada capítulo revela a forte convicção do autor, o que contagia fortemente o leitor/a. Trata-se da compreensão de que “a paz se aprende a criar e a viver” (p. 13). No Capítulo 1, Em paz com a vida apresenta um breve ideário sobre uma experiência de vida vivida em busca da paz, tendo, como compreensão primeira, a noção de que “todo o saber é partilha.” (p. 17). No Capítulo 2 – Qualidade de vida, vida de qualidade e qualidade de vida – o autor apresenta oito pontos ou princípios indicadores do que seria “[...] viver e conviver com uma vida de qualidade na construção de uma qualidade de vida.” (p. 31). Para Brandão, a qualidade de vida preconizada pela economia globalizada de mercado, sugere que palavras como “interesse”, “negócio” e “utilitário” sejam substituídas por “palavras-semente”, tais como: interação, conectividade, comunicação. Ou seja, palavras que contêm uma idéia germinal a ser semeada. Revela, assim, sua compreensão acerca da cultura da paz como perspectiva de uma ação educativa politizada, que assume posição de enfrentamento à desumanização legitimada pelos valores da sociedade de mercado.

237

Carlos Rodrigues Brandão concebe a cultura da paz como um dos desafios à atualidade das práticas de uma educação libertadora, pois requer, além de sentimentos, uma disposição para o pensamento e ação transformadora. De fato, a própria biografia do autor se faz testemunho das conexões entre a educação para a paz, a educação popular-libertadora, e ainda a educação ambiental.

No Capítulo 3 – A natureza da paz – o autor sugere seis pontos que resumem sua compreensão acerca das relações entre a educação ambiental e a construção da paz. Conjuntamente, tais aspectos sustentam sua proposição a respeito de uma educação ambiental emancipatória e dirigida à causa da paz.

No Capítulo 4 – Um outro pensar para um outro viver – o autor apresenta textualmente e comenta os preâmbulos e os artigos do Manifesto da Transdisciplinaridade referentes ao Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade realizado em novembro de 1994 em Portugal. No

contexto dessa reflexão, o caminho para a paz vislumbra-se diante da defesa por uma educação como experiência de acolhida e de partilha.

No Capítulo 5 – A mente e o coração, a confiança e o diálogo – o autor apresenta a complementaridade das contribuições de Paulo Freire e Humberto Maturana para sustentar o “primado da confiança no outro”, como fundamento de uma experiência educativa intencionada à partilha de saberes, visto que essa requer é “[...] um sentimento partilhado de confiança recíproca.” (p. 131). Esta compreensão se associa a uma educação integrada em um projeto ao mesmo tempo local e planetário de instauração de uma cultura da paz: “[...] a finalidade da educação é o desenvolvimento humano e não o desenvolvimento econômico. A pessoa humana, e não o mercado de trabalho do mundo dos negócios, é o seu destinatário, a razão de seu exercício.” (p. 147).

No Capítulo 6 – Mahatma Gandhi é homenageado com o título: A roca e o calmo pensar, no qual o autor propõe onze pontos para a cooperação: (1) Amar incondicionalmente todos os seres vivos; (2) Semear, plantar e cuidar das árvores sobre todos os cantos da Terra; (3) Defender os elementos naturais; (4) Vestir e alimentar-se com simplicidade, de forma a não explorar em excesso os recursos naturais; (5) Não separar o Ser Humano da Natureza; (6) Tratar as crianças e os adolescentes com grande compreensão pelas Vidas que agora começam a brotar; (7) Tratar os mais vividos com afetividade e respeito, pela grande maturidade das experiências cumuladas durante suas existências; (8) Praticar solidariedade com os doentes e os empobrecidos, dando alimento em todos os níveis aos que têm fome de comida e sede de libertação; (9) Respeitar com compaixão as manifestações políticas, religiosas e culturais que levem ao Caminho da Liberdade; (10) Partilhar a responsabilidade da boa palavra e do calmo pensar; o lúdico do brinquedo; a alegria da amorosidade; o lúcido do discernimento, na construção de uma Nova consciência para todas as formas de vida; (11) Comprometer-se a vivenciar e compartilhar esses onze pontos em nome da paz na Terra, porque conhecer + praticar = sabedoria. Os onze pontos, inspirados nos princípios da não-violência, revelam a simplicidade e a grandiosidade do testemunho de Mahatma Gandhi acerca da cultura da paz como um horizonte possível.

É, pois, no entrecruzamento da diversidade de tais contribuições que Carlos Rodrigues Brandão elucida sua compreensão acerca da cultura da paz como um desafio atual e suscita o questionamento sobre os sentidos atribuídos às práticas educativas que buscam se constituir como atuações transformadoras.



Ao referir a arbitrariedade de valores e exigências de uma educação regulada pelo mercado, argumenta, inversamente, que uma educação intencionada para a cultura da paz precisa nos ajudar a “[...] urgentemente descobrir os caminhos da simplicidade do existir.” (p. 179). Essa, entre outras compreensões, contribui para reiterar sua convicção de que “[...] criamos a cada dia o mundo onde vivemos, mesmo quando ele parece mover-se ou deixar-se por conta própria e fora de nosso alcance.” (p. 186). Com tais afirmações, o autor instiga a consciência histórica de seus leitores e leitoras, desafiando-lhes igualmente ao desenvolvimento desta através de suas práticas educativas. A este respeito, posiciona-se explicita e criticamente: “[...] a história não é um acontecer de grandes lances, como alguns livros nos tentam ensinar. É a seqüência vivida e pensada da própria vida cotidiana, quando além de ser a vida de cada dia, é a busca coletiva do sentido do viver cada dia.” (p. 187).

No Capítulo – A paz ou a barbárie? – Brandão nos remete à leitura de outra obra *A educação como cultura*, para ampliar a compreensão acerca da fecundidade das aproximações entre a antropologia e a educação. Igualmente, no Capítulo 8 – Educar para o diálogo, educar para a paz – encaminha a curiosidade do leitor/a ao texto de Theodor Adorno propondo educação e emancipação. A escrita de Brandão fortalece a cultura da paz como uma perspectiva a ser compreendida e assumida enquanto finalidade das práticas educativas emancipatórias. A obra ainda dialoga com as proposições da Organizações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO) acerca da Década das Culturas da Paz (de 2001 a 2010).

A canção das sete cores fortalece a compreensão tão óbvia quanto esquecida de que “[...] a educação tem um lugar importante no avanço da paz em nosso mundo presente.” (p. 75). É uma obra que fortalece a crescente consciência da responsabilidade de nossas ações educativas com relação ao ambiente, à natureza e à vida enquanto expressão da diversidade dos compromissos que se inscrevem sob a perspectiva de uma educação para a paz. O tema tem grande amplitude e fecunda de esperança a proposta de uma educação para a paz.



Profa. Dra. Solange Martins Oliveira Magalhães
Universidade Federal do Goiás
Linha de Pesquisa | Formação e Profissionalização Docente
E-mail | solufg@hotmail.com

Recebido 14 ago. 2008

Aceito 25 ago. 2008